

AGRICULTURA EM SÃO PAULO

- Ano 1974 -

À semelhança do ano anterior, fatos econômicos imprevisíveis caracterizaram 1974, especialmente no seu primeiro semestre quando os países industrializados do Ocidente enfrentaram a fase aguda da crise do petróleo e uma inflação desenfreada. No segundo semestre, sobrevieram o desemprego e a ameaça de recessão econômica. Tudo isso com reflexo negativo no ritmo de crescimento econômico: des de a taxa inexpressiva da Alemanha Ocidental até às taxas negativas de Estados Unidos e Japão.

Nesse contexto, o Brasil obteve posição privilegiada com o PIB crescendo a uma taxa de cerca de 10% e alcançando os US\$ 80 bilhões em valor aquisitivo de 1973. Esse expressivo desempenho se deveu em boa parte aos investimentos feitos anteriormente e ao excelente ano agrícola 1973/74, quando a produção física de café alcançou 24 milhões de sacas, de soja 7,1 milhões de toneladas, de milho 16,8 milhões de toneladas, de açúcar 111 milhões de sacos e de trigo, 2,6 milhões de toneladas.

Em que pese o bom desempenho de 1974, o Brasil iniciou o ano de 1975 com dificuldades no seu balanço de pagamentos, deficitário em US\$ 1,4 bilhão. A balança comercial se afigura como grande responsável por esse déficit, resultante de uma exportação de US\$ 7,7 bilhões (em valor FOB) contra a importação de US\$ 12,5 bilhões (valor CIF). O déficit comercial é, portanto, de US\$ 4,8 bilhões e determinado, principalmente, pelos altos preços do petróleo e derivados.

Não obstante as exportações em 1974 terem experimentado decréscimo de 8,3% em seu volume agregado, o valor das nossas transações superou em cerca de 26% às realizadas no ano anterior. Muito contribuíram para esse resultado os bons preços alcançados pelo açúcar: ao redor dos US\$ 580/t contra os US\$ 203/t de 1973. Em que pese o volume exportado de açúcar ter caído de 21%, o montante de divisas subiu da casa dos US\$ 600 milhões para US\$ 1,3 bilhão. Voltou assim o açúcar, depois de muitos anos, a liderar a nossa pauta de exportações, tendo o mercado livre absorvido boa parte do produto brasileiro, e o que é importante, a preços mais compensadores que o mercado preferencial norte-americano.

Contrariamente aos dois últimos anos, quando o setor agrícola pouco contribuiu para o crescimento do PIB, por ter crescido a taxas apenas razoáveis (de

4% a 4,5% a.a.), a contribuição desse setor, segundo estimativas da Fundação Getúlio Vargas, foi bastante expressiva em 1974, situando-se entre os 8,5 e 9% o seu crescimento. O setor de maior expansão ainda seria o de serviços, com a taxa variando entre 10% e 11,7%, aparecendo o industrial com 9%. Embora em termos gerais, a expansão do PIB tenha se contraído em relação aos 11,4% do ano de bons preços que foi 1973, as marcas de 1974 são alentadoras para a economia do País.

COMPORTAMENTO DO SETOR AGRÍCOLA EM SÃO PAULO

O desempenho do setor agrícola em 1974, analisado para os 26 produtos mais importantes, foi satisfatório. A análise global desses produtos permite avaliar a evolução da renda real em torno de 3,8%. É de salientar que essa taxa torna-se mais significativa se se considerar que o ano foi um tanto difícil para agricultura. De fato, os problemas foram muitos, desde as excessivas chuvas de março até a deterioração dos preços nos mercados internacional e interno; somando-se às dificuldades uma violenta alta de preços nos mercados de insumos, o que restringiu principalmente os tratos culturais de recuperação e, conseqüentemente, teria provocado uma queda de produtividade em algumas culturas importantes. Vale lembrar ainda que, no último quinquênio, a agricultura paulista registrou recordes sucessivos, acompanhando mesmo de perto os demais setores, com uma taxa média de crescimento anual de 10,2% em cruzeiro constante de 1971.

Os quadros 1 e 2 mostram os valores alcançados e as variações percentuais do ano. Globalmente, a agricultura gerou uma renda bruta superior aos 21 bilhões de cruzeiros, tendo os 20 produtos de origem vegetal respondido por 70% do total, experimentando um incremento de apenas 2%. Os 6 produtos animais complementaram a que participação com um aumento de 8,3% sobre 1973.

Antes de se proceder a análise dos grupos de produtos, relativamente aos preços, quantidade física, valor, área e rendimento, é necessário chamar a atenção para o caráter ainda provisório de alguns parâmetros utilizados neste estudo, em especial o deflator. Para chegar-se a tal deflator, o Índice "2" da Conjuntura Econômica forneceu as informações básicas para a relação entre os índices médios de 1973 e de 1974. Na fase de processamento dos dados, estimou-se o índice médio para 1974 em 492, todavia, com os últimos dados de novembro e dezembro, embora ainda não oficializados, admite-se que o índice médio utilizado para 1974 pelo IEA poderia estar um tanto super-estimado e, por via de consequência, o deflator (fator multiplicador) com valor subestimado. Na próxima estimativa de renda, a ser di-

vulgada em abril ou maio próximo, serão apresentados os resultados definitivos.

Os índices de preço, quantidade, valor, área e rendimento encontram-se nos quadros 3, 4, 5, 6- e 7, respectivamente. Exceção feita a área cultivada, os demais indicadores são ainda preliminares.

Produtos Alimentícios Vegetais

Contrariamente ao ocorrido em 1973, esse grupo apresentou um acentuado decréscimo nos preços reais (-12,1%), sendo que apenas dois produtos tiveram seus preços aumentados: arroz (14,3%) e tomate (2,7%). Dos produtos que sofreram decréscimos, destacam-se a laranja (-42,7%) e o feijão (-40%); oscilações negativas nos outros produtos foram: cebola (-28%), batata (-10,8) e banana (-9,7%). Neste grupo, a quantidade produzida cresceu em 7,15%, principalmente pelas expressivas produções de laranja (20,5%) e tomate (16,1%). Com menor crescimento aparecem banana (9,3%) e batata (3,1%). Registrando diminuição, o feijão (-1,8%) e a cebola (-4,2%); e o arroz sem apresentar variação.

Entre os indicadores econômicos aqui analisados o valor real da produção foi o de maior variação negativa (-12,28%), sendo que dos componentes do grupo, o feijão foi o mais afetado (-41,1%), seguido pela laranja (-33,8%), cebola (-31%), batata (-8%) e banana (-1,4%). Valores positivos são encontrados apenas para tomate (19,1%) e arroz (14,3%).

Relativamente à área plantada que em 1973 aumentara sua extensão em 8,38%, em 1974 esse crescimento foi de apenas 3,87%. Contribuíram positivamente para esse incremento, o tomate (38%), laranja (23,9%), feijão (7,3%), banana (4,9%); participações negativas ocorreram em arroz (-10,5%), cebola (-6,9%) e a batata (-2,6%).

O rendimento agrícola por dois anos consecutivos apresentou-se decrescente, -8,04% em 1973 e -0,23% em 1974. Tal redução em 1974 relativamente a 1973 é inexpressiva, acusando o índice 112,07 em 1974 contra 112,33 em 1973 fazendo-se 1962-66 = 100. Contudo, confrontando-se esses valores com o índice alcançado em 1972 (122,15) denota-se um recuo em torno de 10 pontos nos dois últimos anos. Em 1974, o maior responsável foi o tomate com um declínio de -15,1%. A laranja, ainda com grandes superfícies em formação diminuiu seu rendimento (-6,8%).

Entre os produtos que apresentaram acréscimo de produtividade estão: arroz (11,7%), batata (5,9%), banana (4,1%) e cebola (2,9%). O arroz apenas compensou a perda registrada em 1973 (-11,8%), enquanto batata, banana e cebola apresen-

taram acréscimos reais, sendo mais significativo o da cebola face ao elevado incremento na produtividade já observado em 1973.

Produtos Alimentícios Animais

Foi o grupo que experimentou maior acréscimo nos preços reais (12,39%). De todos os componentes do grupo, apenas o setor avícola sofreu aviltamento nos preços: ovos (-5,4%) e aves para corte (-4,6%). O maior responsável pelo incremento nos preços reais foi a carne suína (45%), seguida pelo leite (20,6%) e a carne bovina (4,2%).

Relativamente a quantidade produzida, o grupo teria apresentado uma contração (-2,16%) que concorreu para reduzir o acréscimo no valor real da produção, o qual se situou em torno de 8%. Entre os componentes do grupo, apenas as aves para corte experimentaram decréscimo no seu valor real (-3,7%) com as demais em ascensão: carne bovina (3%), ovos (11,5%), leite (16,3%) e carne suína (69,7%).

Produtos Tradicionais, em Transição e Modernos

Esses grupos, constituídos segundo o estágio de desenvolvimento tecnológico, são também compostos por 21 produtos. Os modernos, compreendendo algodão, batata, cana-de-açúcar, casulo, laranja, ovos, soja e tomate; os em transição englobando amendoim, banana, café, cebola, chá, mandioca e milho; e os tradicionais reunindo arroz, bovinos, feijão, leite, mamona e suínos.

Relativamente à quantidade produzida todos eles apresentaram crescimento, sendo mais significativo para o grupo em transição (12,69%), mais modesto para os modernos (2,13%) e inexpressivo para os tradicionais (0,61%). Muito concorreu para o bom desempenho do grupo em transição o café, que registrou acentuado ganho de produção (31,4%); ainda nesse grupo com incremento na produção aparecem o milho (3,9%) e a banana (9,3%). Os demais componentes do grupo apresentaram reduções na produção: mandioca (-18%), cebola (-4,2%) e amendoim (-4,1%), permanecendo o chá verde no mesmo nível de 1973. No grupo dos modernos o mais expressivo crescimento foi observado para a soja (58,2%), o casulo (22%) e a laranja (20,5%); crescimento moderado foi verificado no tomate (16,1%), ovos (17,6%) e batata (3,1%); aparecendo com decréscimo na produção o algodão (-17,9%) e a cana-de-açúcar (-1,2%). O pequeno incremento ocorrido no grupo dos tradicionais resultou do grande avanço de produção da mamona (63,2%) e de suínos (17,1%); os qua-

tro produtos restantes apresentaram variações predominantemente negativas, porém de pequena monta.

Quanto aos preços, nenhum dos grupos apresentou posição semelhante a do ano anterior, quando o menor incremento foi registrado para o grupo dos modernos com 19,53%. Esse mesmo grupo na atual temporada experimentou o maior incremento (7,64%), o grupo dos tradicionais aumentou 4,54% e o em transição caiu de -8,56%. Entre os produtos constantes do grupo moderno, a cana-de-açúcar (15,4%), o algodão em caroço (19,4%), o tomate (2,7%) e o casulo (7,1%) integram a lista dos que experimentaram incremento no preço, enquanto laranja (-42,7%), soja (-12,4%), batata (-10,8%) e ovos (-5,4%) estiveram em baixa. No grupo dos tradicionais, em que pesem os altos níveis de preços alcançados pela carne suína, leite e arroz, os demais componentes tiveram acréscimos moderados ou decréscimos: carne bovina (+4,2%), mamona (-52,2%) e o feijão (-40%). Os produtos em transição apresentaram um quadro desfavorável ao produtor, todos eles com decréscimo de preço: café (-12,6%), milho (-4,5%), amendoim (-2,6%), mandioca (-1,5%), banana (-9,7%), cebola (-28%) e chá verde (-18%).

Quanto ao rendimento, os grupos tradicional e em transição realizaram ganhos que de certa forma compensaram o pequeno acréscimo ou mesmo relativa estabilidade de área. Por outro lado, o grupo moderno que apresentou significativo incremento na superfície cultivada (14,62%), teria sofrido decréscimo no seu rendimento em torno de 8%.

Da inter-relação dos fatores físicos com as variações de preços, resultou nos seguintes acréscimos de valor real da produção para os três grupos: tradicional 4,19%, em transição 4,57% e moderno 3,24%.

QUADRO 1. - Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista, Estimativa para 1972/73 e 1973/74

Produto	Quantidade (1000 t)		Preço (Ord./unidade)		Unidade	Valor Corrente (1000 t)		Valor Real em Cr\$1000 de 1973/74
	1972/73	1973/74	1972/73	1973/74 ⁽¹⁾		1972/73	1973/74 ⁽¹⁾	
Carne Bovina	554,5	547,8	80,00	110,00	arrôba	2.957.333	4.017.200	3.043.560
Café Beneficiado	420,0	532,0	290,00	334,13	so.60kg	2.030.000	3.074.198	2.330.642
Cana-de-açúcar	42.000,0	41.460,0	33,09	59,44	tonelada	1.473.780	2.215.622	1.679.730
Milho	2.958,0	2.698,0	27,00	34,00	so.60kg	1.169.100	1.528.997	1.159.148
Ovos (milhões dúzias)	424,8	499,6	2,40	3,00	dúzia	1.019.320	1.498.800	1.136.283
Leite (milhões litros)	1.567,0	1.514,9	0,63	1,00	litro	987.210	1.514.900	1.148.491
Algodão em caroço	621,0	510,0	23,30	39,00	arrôba	972.900	1.258.017	953.740
Aves para corte	208,2	210,4	3,30	4,40	kg vivo	728.700	923.760	701.846
Laranja	2.840,0	3.280,0	9,00	6,80	ca.40kg	639.000	557.600	422.733
Arroz	582,0	582,0	33,00	79,93	so.60kg	314.100	773.340	387.809
Batata	403,8	416,4	68,00	80,00	so.60kg	477.640	555.186	420.903
Folijão	133,8	131,4	196,00	135,00	so.60kg	437.080	339.446	277.344
Tomate	526,0	610,4	709,00	960,00	tonelada	372.934	585.984	444.232
Soja	330,0	322,0	38,00	67,00	so.60kg	319.000	582.917	441.927
Amendoim	312,5	268,6	23,30	32,75	so.25kg	318.750	351.866	266.760
Uva de mesa	117,6	120,0	17,60	13,00	ca. 8kg	258.720	195.000	147.833
Carne suína	56,3	63,9	34,00	103,28	arrôba	202.680	433.741	343.993
Mamona	95,0	155,0	100,00	63,00	so.60kg	190.000	162.750	123.186
Mandioca	1.220,0	1.000,0	110,00	143,00	tonelada	134.200	143.000	108.413
Banana	534,6	584,1	210,00	230,00	tonelada	112.266	146.023	110.706
Tangerina, Ponkan, Mexirica	424,0	428,0	10,00	8,00	ca.40kg	106.000	83.600	64.896
Cebola	78,9	73,6	60,00	37,00	so.40kg	109.200	93.763	72.601
Limão	292,0	336,0	10,00	8,00	ca.40kg	73.000	67.200	50.946
Caculo	4,1	5,0	12,13	17,13	quilo	49.733	85.650	64.934
Trigo	35,0	170,0	45,00	80,00	so.60kg	26.250	226.661	171.839
Chá verde	30,4	27,3	0,30	0,34	quilo	15.200	14.742	11.176
Valor Total da Produção (26 produtos) (crescimento real = 3,81%)						15.670.296	21.457.925	16.267.897
Valor Total da Produção a/café (25 produtos) (crescimento real = 2,18%)						13.640.296	18.383.727	13.937.255
Valor Total da Produção de Origem Vegetal (20 produtos) (crescimento real = 1,05%)						9.725.120	12.961.874	9.826.786
Valor Total da Produção de Origem Vegetal a/café (19 produtos) (crescimento real = - 3,58%)						7.695.120	9.887.676	7.496.144
Valor Total da Produção de Origem Animal (6 produtos) (crescimento real = 8,34%)						5.945.176	8.496.051	6.441.111

(1) Estimativas preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 2. - Variações Percentuais na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre as Safras de 1972/73 e 1973/74 (1)

Produto	Participação Percentual no Valor		Variações Percentuais entre 1973/74 e 1972/73							
	1973	1974	Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor		
						Corrente	Real(2)	Corrente	Real(2)	
Carne bovina	18,87	18,72	-	- 1,7	-	37,5	4,2	35,8	3,0	
Café beneficiado	12,95	14,33	9,0	51,4	12,6	15,2	- 12,6	51,4	14,8	
Cana-de-açúcar	9,40	10,33	8,4	- 1,2	- 8,9	32,3	15,4	30,3	14,0	
Milho	7,46	7,13	- 0,8	3,9	2,0	23,9	- 4,5	30,8	- 0,9	
Leite	6,30	7,06	-	- 3,3	-	58,7	20,6	33,5	16,3	
Algodão em caroço	6,21	5,86	- 8,0	- 17,9	- 10,3	37,4	19,4	29,3	- 2,0	
Ovos	6,51	6,98	-	17,6	-	23,0	- 5,4	47,0	11,5	
Aves para corte	4,65	4,31	-	1,1	-	23,7	- 4,6	27,0	- 3,7	
Laranja	4,08	2,60	23,9	20,5	- 6,8	- 24,4	- 42,7	- 12,7	- 33,8	
Arroz	3,28	3,61	- 10,5	0,0	11,7	30,8	14,3	30,8	14,3	
Batata	2,92	2,99	- 2,6	3,1	3,9	17,6	- 10,8	21,3	- 8,0	
Feijão	2,79	1,58	+ 7,3	- 1,8	- 8,4	- 20,9	- 40,0	- 22,3	- 41,1	
Tomate	2,38	2,73	38,0	16,1	- 15,1	35,4	2,7	37,1	19,1	
Soja	2,04	2,72	67,5	58,2	- 5,5	15,3	- 12,4	82,7	38,5	
Amendoim	2,03	1,64	- 22,3	- 4,1	10,7	28,4	- 2,6	10,4	- 16,3	
Uva de mesa	1,65	0,91	- 1,2	2,0	3,3	- 26,1	- 44,0	- 24,6	- 42,9	
Carne suína	1,29	2,11	-	17,1	-	31,3	45,0	123,9	69,7	
Mamona	1,21	0,76	72,4	63,2	- 3,3	- 27,0	- 32,2	- 14,3	- 35,1	
Mandioca	0,86	0,67	- 17,0	- 18,0	- 1,1	30,0	- 1,5	6,6	- 19,2	
Banana	0,72	0,68	4,9	9,3	4,1	19,0	- 9,7	30,1	- 1,4	
Tangerina, Pomelo e Mexericão	0,68	0,40	11,4	0,9	- 9,3	- 20,0	- 39,3	- 19,2	- 38,8	
Cebola	0,67	0,45	- 6,9	- 4,2	2,9	- 5,0	- 28,0	- 9,0	- 31,0	
Alho	0,47	0,31	14,1	15,1	1,0	- 20,0	- 39,3	- 7,9	- 30,2	
Casulo	0,32	0,40	-	22,0	-	41,2	7,1	72,2	30,6	
Trigo	0,17	1,06	287,9	389,7	32,0	77,8	34,8	763,5	354,6	
Chá verde	0,09	0,07	0,0	- 10,2	40,5	8,0	- 18,0	- 3,0	- 26,5	

(1) Estimativas Preliminares para safra 1973/74

(2) Índice 2 da Conjuntura e estimado em 492 como média para 1974 (Deflator = 0,75813)

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 3. - Índices de Preço Real por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Safras 1972/73 e 1973/74

Grupo	nº de Produtos	Preço (1)			Evolução Percentual	
		1972	1973	1974(2)	<u>1973</u> 1972	<u>1974 (2)</u> 1973
Produtos Alimentícios Vegetais	7	89,88	121,13	106,47	34,77	- 12,10
Produtos Alimentícios Animais	4	104,67	131,09	147,33	25,24	12,39
Matéria Prima p/Industria	7	86,80	99,45	101,35	14,57	1,91
Produtos de Exportação	3	125,45	148,36	145,13	18,26	- 2,18
Produtos Tradicionais	6	107,28	135,36	141,51	26,17	4,54
Produtos de Transição	7	115,09	138,20	126,37	20,08	- 8,56
Produtos Modernos	8	82,04	98,06	105,55	19,53	7,64
Produtos de Origem Animal	5	104,74	131,19	147,43	22,07	12,38
Produtos de Origem Vegetal	16	98,97	119,62	115,54	20,86	- 3,41
Produtos de Origem Vegetal s/ Café	15	90,09	109,82	109,36	21,90	- 0,42
Produtos Alimentícios	11	99,15	127,37	131,52	28,46	3,26
Geral sem Café	20	95,30	117,42	122,38	23,21	4,22
Geral	21	100,77	123,23	101,98	22,29	- 17,24

(1) Índices construídos pelo Método de Laspeyres, ponderação fixa no período base 1962-66 = 100. Todos os preços foram transformados em Cr\$ 1971 pelo índice 2 da Conjuntura Econômica. Base de comparação igual à de ponderação.

(2) Estimativas preliminares, inclusive para o deflator.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4.- Índices de Quantidade Produzida por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Safras 1972/73 e 1973/74

Grupo	nº de Produtos	Quantidade (1)			Evolução Percentual	
		1972	1973	1974(2)	<u>1973</u> 1972	<u>1974(2)</u> 1973
Produtos Alimentícios Vegetais	7	115,84	119,32	127,85	3,00	7,15
Produtos Alimentícios Animais	4	121,53	129,04	126,25	6,18	- 2,16
Materia Prima Para Industria	7	139,37	123,34	127,83	- 11,50	3,64
Produtos de Exportação	3	119,64	100,98	112,29	- 15,60	11,20
Produtos Tradicionais	6	104,83	104,49	105,13	- 0,32	0,61
Produtos de Transição	7	126,37	97,71	110,11	- 22,06	12,69
Produtos Modernos	8	147,20	154,09	157,37	4,68	2,13
Produtos de Origem Animal	5	122,04	129,75	127,23	6,32	- 1,94
Produtos de Origem Vegetal	16	127,18	115,46	122,89	- 9,22	6,44
Produtos de Origem Vegetal s/Café	15	126,89	118,66	121,13	- 6,49	2,08
Produtos Alimentícios	11	119,50	125,58	126,84	5,09	1,00
Geral sem café	20	125,11	122,73	123,29	- 1,90	0,46
Geral	21	125,51	120,10	124,25	- 4,31	3,46

(1) Índices constituídos pelo Método de Laspeyres, ponderação fixa no período base 1962-66 = 100

(2) Estimativas Preliminares

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

QUADRO 3. - Índice de Valor Deflacionado por Grupo de Produtos, Participação Percentual de Valor de Cada Grupo no Total dos 21 Produtos e Evolução dos Índices, Safras de 1972/73 e 1973/74 (1)

Grupo	nº de Produtos	Participação em % 1962/66	1972		1973		1974 (2)		Evolução Percentual	
			Índice	%	Índice	%	Índice	%	1973/1972	1974 (2)/1973
Produtos Alimentícios Vegetais	7	18,86	103,99	13,08	142,24	18,28	124,78	13,75	36,78	- 12,28
Produtos Alimentícios Animais	4	29,87	124,44	30,30	163,49	36,13	178,76	33,72	34,99	8,02
Matéria Prima para Indústria	7	30,62	113,13	27,10	119,62	23,00	127,36	26,13	3,90	6,64
Produtos de Exportação	3	20,64	152,09	24,13	148,47	20,91	162,24	22,40	- 2,38	9,27
Produtos Tradicionais	6	37,31	112,76	33,31	144,86	36,65	130,93	37,67	28,47	4,19
Produtos de Transição	7	29,40	140,82	32,82	134,16	26,92	140,29	27,60	- 4,73	4,57
Produtos Modernos	8	33,22	126,24	32,67	151,10	36,43	153,99	34,74	23,67	3,24
Produtos de Origem Animal	5	29,32	123,13	30,33	166,73	35,80	180,39	36,16	33,24	8,30
Produtos de Origem Vegetal	16	70,07	122,63	66,07	133,39	63,85	136,20	63,84	8,88	1,95
Produtos de Origem Vegetal a/ Café	15	37,53	110,23	48,78	126,83	49,79	124,67	48,00	13,00	- 1,70
Produtos Alimentícios	11	48,73	116,31	43,37	136,82	34,08	137,86	51,46	34,23	0,66
Geral sem Café	20	87,49	113,37	82,71	141,03	83,93	143,00	84,16	22,03	1,96
Geral	21	100,00	123,46	100,00	143,94	100,00	149,49	100,00	16,59	3,86

(1) Índices simples, base 1962-66 = 100. Valores transformados em Cr\$ 1971 pelo Índice 2 da Conjuntura Econômica.

(2) Estimativas Preliminares, inclusive para o deflator.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 6.- Índice de Área Plantada por Grupo de Produtos e Evolução entre as Safras 1972/73 e 1973/74

Grupo	nº de Produtos	Área Plantada (1)			Evolução Percentual	
		1972	1973	1974	<u>1973</u> 1972	<u>1974</u> 1973
Produtos Alimentícios Vegetais	7	79,13	85,76	89,08	8,38	3,87
Materia Prima p/ Industria	6	118,64	105,06	111,48	-11,45	6,11
Produtos de Exportação	3	89,17	78,49	80,60	-11,98	2,69
Produtos Tradicionais	3	64,81	69,09	70,60	6,60	2,19
Produtos de Transição	7	97,72	84,51	83,78	-13,52	- 0,86
Produtos Modernos	6	139,43	132,63	152,02	- 4,88	14,62
Produtos de Origem Vegetal s/ Café	15	105,33	95,27	99,18	- 9,55	4,10
Produtos de Origem Vegetal (Geral)	16	100,66	92,97	97,45	- 7,64	4,82

(1) Índice simples, com base 1962-66 = 100

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

QUADRO 7.- Índices de Rendimento Por Grupo de Produtos e Evolução entre as Safras 1972/73 e 1973/74

Grupo	nº de Produtos	Rendimento (1)			Evolução Percentual	
		1972	1973	1974	<u>1973</u> 1972	<u>1974</u> 1973
Produtos Alimentícios Vegetais	7	122,15	112,33	112,07	- 8,04	- 0,23
Matéria Prima p/ Industria	6	115,57	114,50	113,62	- 0,93	- 0,77
Produtos de Exportação	3	129,63	123,21	134,23	- 4,95	8,94
Produtos Tradicionais	3	128,86	117,47	120,83	- 8,84	2,86
Produtos de Transição	7	128,64	118,44	129,61	- 7,93	9,43
Produtos Modernos	6	103,91	111,91	102,59	7,70	- 8,33
Produtos de Origem Vegetal s/Café	15	114,45	115,62	113,55	1,02	- 1,79
Produtos de Origem Vegetal (Geral)	16	120,25	115,99	117,88	- 3,54	- 1,63

(1) Índice calculado pelo Método de Paasche. Índice simples de cada produto, base 1962-66 = 100, ponderado pela área plantada de cada produto em cada ano.

Obs.: Para 1974, os índices devem ser considerados como preliminares.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola

MERCADOS DE FATORES

Fertilizantes

Os dados estatísticos sobre consumo aparente de fertilizantes em 1974 não estão disponíveis ainda, contudo, há uma indicação de que esse consumo tenha experimentado decréscimos em torno de 10%, não obstante as importações tenham aumentado em cerca de 36% no decorrer do ano. Tal situação gerou um estoque hoje avaliado em cerca de 600 mil toneladas de produto.

A principal causa do arrefecimento na quantidade demandada foi a considerável alta dos preços no mercado internacional, com repercussão ainda mais drástica no mercado interno.

Os preços atuais no mercado internacional se mantêm estáveis com tendência de ligeira alta para a rocha fosfática, permanecendo os demais em estabilidade até pelo menos o início da safra norte-americana. Os preços atuais da rocha fosfática se situa em torno de US\$ 60,00/tonelada FOB Santos, admitindo-se, porém, que possam alcançar até US\$ 80,00/tonelada, nos próximos meses.

Tratores de 4 Rodas

No transcorrer do ano de 1974 todos os meses, com exceção de maio, apresentaram acréscimos de venda de tratores. No mês de dezembro último o aumento foi dos mais expressivos (35,8%), sendo suplantado apenas pelo mês de janeiro do mesmo ano (77,8%).

Os acréscimos nas vendas verificados nos últimos meses do ano são mais expressivos quando se considera que o montante do financiamento foi reduzido de 100% para 80%, obrigando o agricultor a utilizar 20% de recursos próprios, o que foi sem dúvida uma maneira de reprimir a demanda ao nível da oferta atual.

As primeiras informações dão conta que as vendas em 1974 suplantaram 1973 em cerca de 9%. Esse modesto acréscimo foi mais contingenciado pelos problemas no suprimento do que propriamente redução no ritmo de expansão da procura. Ao longo do ano, as relações de preço trator/mão-de-obra teriam apresentado uma diminuição.

Sementes

A venda de sementes pela Secretaria da Agricultura para plantio no Estado indica acréscimo apenas para o milho variedade e soja; decréscimo para arroz, feijão e milho híbrido, colocando-se o amendoim e o algodão em posições semelhantes às do ano anterior. Embora a maior variação negativa tenha se registrado para o feijão de mesa, a diminuição nas vendas de 15% de milho híbrido é bem mais significativa. Mais ou menos 70% da área cultivada no Estado utiliza sementes melhoradas de milho, enquanto a superfície plantada com semente melhorada de feijão de mesa não chega a representar 2% da sua área total.

Por outro lado, o expressivo acréscimo estimado para a soja é de pouca representatividade em termos relativos, face a inexpressiva disponibilidade para venda dessa semente no ano anterior pela Secretaria. Ver quadro 8.

QUADRO 8. - Venda de Sementes pela Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo, Até 15 de Dezembro de 1973 e 1974

Semente	Unidade	1973 (a)	1974 (b)	Variação % (b/a)
Algodão	sc.30kg	574.477	573.819	- 0,12
Amendoim	cx.20kg	117.567	117.924	+ 0,30
Arroz	sc.50kg	100.439	90.056	- 10,34
Feijão de mesa	sc.50kg	16.078	8.699	- 45,90
Milho híbrido	sc.50kg	167.461	142.293	+ 15,00
Milho variedade	sc.50kg	30.167	61.200	+ 100,90

Fonte: DSM-DAS-CATI.

Mão-de-Obra

No Estado de São Paulo a evolução do salário tem apresentado características semelhantes às do Brasil, apenas com uma taxa de crescimento um pouco superior à constatada para o País.

Análise trienal revela que o período mais desfavorável para o assalariado rural foi o de 1961-63, quando a relação (salário rural/salário mínimo) se situou em 52,3%. Esse triênio foi ligeiramente superado pelos períodos anteriores, 1958-60 e 1955-57, respectivamente com 58% e 55,7%. Nos períodos mais recentes esses índices aumentaram sensivelmente, alcançando 83% em 1964-66, 82,7% em 1967-69, 87,3% no período 1970-72 e 108% em 1973-74. Ver quadro 9.

Outro aspecto interessante do mercado de trabalho é que a escassez teria-se revelado mais intensa justamente entre os trabalhadores contratados externamente à propriedade já que no caso de diaristas residentes, tratoristas e administradores as altas de salário tem sido mais moderadas, possivelmente devido a eventuais compensações não-monetárias dadas a esses trabalhadores.

QUADRO 9. - Evolução dos Salários de Diarista-Residente e Salário Mínimo na Capital, Estado de São Paulo, 1955-74
(Cr\$)

Ano	Salário diaris- ta residente (a)	Salário mínimo na Capital (b)	Relação porcentual (a/b)	Média trienal
1955	1,41	2,30	61	
1956	1,65	3,00	55	
1957	1,89	3,70	51	55,7
1958	2,10	3,70	57	
1959	2,61	3,88	67	
1960	3,42	6,78	50	58,0
1961	4,44	10,38	45	
1962	6,69	13,21	54	52,3
1963	10,86	21,00	58	
1964	22,92	40,25	78	
1965	41,07	58,50	89	83,0
1966	53,61	81,00	82	
1967	74,76	102,25	82	
1968	98,61	125,50	84	82,7
1969	116,25	149,40	82	
1970	154,05	187,20	82	
1971	193,35	225,60	86	87,3
1972	251,40	268,80	94	
1973	340,50	312,00	109	108,0 ⁽¹⁾
1974	402,00	376,80	107	

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

⁽¹⁾ Média do biênio 1973/74.

MERCADOS DE PRODUTOS

Algodão

A área plantada, acompanhando a tendência dos últimos 3 anos, retraiu-se em relação ao ano anterior, em 10,5%, situando-se em 395,6 mil hectares. As entradas do produto nas usinas de beneficiamento do Estado até fins de outubro apontaram 619,6 mil toneladas, referentes à produção paulista. Houve assim queda de produção da ordem de 15%.

Estima-se para a zona meridional do País uma produção ao redor de 350 mil toneladas de algodão em pluma, correspondendo a uma queda de 23,6% em relação às 458 mil toneladas obtidas em 1972/73. As chuvas excessivas de fevereiro e março provocaram, além da acentuada queda nos rendimentos físicos, a deterioração na qualidade do produto, afetando o rendimento no benefício e também a renda dos produtores, face aos desajustes nos preços de tipos inferiores.

Com relação aos preços recebidos pelos cotonicultores, estes se situavam a níveis considerados satisfatórios ao início do período de comercialização. Contudo, a partir de meados de maio registraram-se quedas sucessivas de preços no mercado interno, ajustando-se às cotações no mercado internacional. Em consequência, parte do produto entregue às usinas não teve negócios realizados. Os esforços do Governo Federal no amparo ao setor, prorrogando os prazos de resgate dos financiamentos de custeio agrícola bem como das promissórias rurais e reajustando os preços mínimos de garantia da safra 73/74, tem-se mostrado infrutíferos.

No disponível da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, o total de negócios realizados no período janeiro-outubro de 1974 foi de 229.260 toneladas de algodão em pluma, 17% menos que em igual período do ano anterior.

As exportações de algodão em pluma pelo porto de Santos, somaram 63,5 mil toneladas, correspondendo a uma queda de 68% em relação a igual período de 1973.

Amendoim

A produção de amendoim no Estado de São Paulo, na safra 73/74 foi de 268,6 mil toneladas, 16% menos a de 72/73 e 50% inferior a média dos últimos três anos. A produtividade foi de 1.280kg/ha, 11% superior a de 1973 e 3% acima da me-

dia dos últimos três anos.

Foram exportados pelo porto de Santos 9.547 t contra 21.632 t no mesmo período em 1973 de amendoim em casca e 32.520 t sem casca, comparado com 26.038 t no ano anterior, o farelo com 53,502 t versus 65.743, e o óleo de 24.415 t para 27.502 t, portanto, houve maior exportação (25%) somente do produto sem casca, enquanto que para os demais foram menores de -56% para o amendoim com casca, -19% para o farelo de amendoim e -11% para o óleo.

Esta queda nas exportações foi tão somente decorrência da pequena produção brasileira, já que as cotações no mercado internacional foram bastante favoráveis ao nosso produto.

Para a safra 1974/75, face a vários fatores como, má comercialização de safras anteriores, custo elevado de vários insumos (sementes, adubos), problema de mão-de-obra nas colheitas, como também devido a falta de chuvas na época de plantio, tanto área como produção deverão ser menores. Fato idêntico ocorre também no Estado do Paraná, segundo produtor.

Arroz

A produção nacional de arroz da safra 1973/74 é estimada em torno de 7,2 milhões de toneladas, o que representa um acréscimo de 1,4% em relação à marca atingida na temporada anterior. Esse volume é ainda inferior ao de 9 anos atrás quando se produziu no País o volume recorde de 7.580 mil toneladas de arroz em casca.

A produção do Estado de São Paulo no ano agrícola 73/74 foi de 582 mil toneladas do produto em casca, ou seja praticamente igual à do ano anterior. A área plantada, contudo, foi 10,5% menor, o que significa ter havido uma melhoria de produtividade.

Quanto aos preços recebidos pelos produtores paulistas, eles sofreram elevações substanciais no decorrer de 1974, face às perspectivas de quebra de safra nos principais estados produtores de arroz de sequeiro. Com efeito, de fevereiro a dezembro, o preço médio corrente do arroz em casca subiu 109%. Em junho e julho houve pequena queda nesse preço, acompanhando a tendência dos preços de atacado, motivado pela retração do comércio, em decorrência do tabelamento do preço de venda no atacado e no varejo, do arroz empacotado nos supermercados da Capital. O preço médio recebido pelos produtores do Estado é estimado ao redor de

Cr\$ 82,00 por saco de arroz em casca, ou seja, 55% maior que o de 1973.

Em virtude da dificuldade de liquidez do comércio, da alta dos preços nas zonas de produção e do tabelamento do produto, não houve, no decorrer da safra 73/74, condições de formação de grandes estoques por parte dos atacadistas paulistanos. As compras foram realizadas em pequenas quantidades, suficientes apenas para as necessidades mais imediatas dos comerciantes. Além da quebra parcial de safra nos estados centrais, houve deterioração da qualidade do produto, face às más condições climáticas em fevereiro e março deste ano. Assim, os tipos comerciais de arroz de sequeiro apresentaram elevadas porcentagens de mistura, como uma forma dos comerciantes enfrentarem o tabelamento do produto e a escassez de tipos finos. Face essa situação, os preços dos quebrados de arroz no mercado paulistano apresentaram, de janeiro a dezembro as maiores altas nos preços de venda, atingindo a quíntupla, 184%. Os tipos de grãos longos sofreram altas de 103 a 120% nesse período.

A retenção especulativa dos estoques por parte de produtores e comerciantes dos estados centrais motivou o Governo Federal para a inclusão na lista de preços máximos CIP/SUNAB, de diversas marcas de arroz empacotado do Rio Grande do Sul, a partir de novembro. Todavia, a mesma manobra foi repetida pelos gaúchos, forçando uma alta especulativa de preços. Em vista disso, o Governo decidiu liberar o estoque de 1,4 milhão de sacos de arroz em casca a partir de janeiro de 1975. Contudo, face à insuficiência do estoque até a entrada da nova safra nos mercados, em meados de dezembro foi dada autorização para importação do produto, com isenção do Imposto de Importação e do ICM.

Cana-de-Açúcar

A produção brasileira de açúcar em 1973/74 foi de 111,38 milhões de sacas de 60kg, não atingindo portanto a meta de 115 milhões de sacas prevista no Plano de Safra. Deste total, o Estado de São Paulo participou com 58,51 milhões de sacas (52,5%). Para o ano açucareiro 1974/75 o Plano de Safra estabeleceu, como produção a ser realizada, 125 milhões de sacas para todo o Brasil. Porém, no desenvolver do período, devido a condições climáticas adversas, não será possível atingir tal produção. O Estado de São Paulo que teve a cota estabelecida em 60 milhões de sacas produziu até o final de dezembro 55,67 milhões de sacas, portanto 7% a menos que o previsto. Em janeiro de 1975 algumas usinas continuaram a moagem, porém, a produção total deverá ficar ao redor de 56 milhões de sacas.

Em 1974, as exportações de açúcar pelo porto de Santos totalizaram 1.316.136 t, 29% a menos do que em 1973. Porém, o total de divisas a ser conseguido pelo Brasil com a exportação de açúcar deverá ser bem superior a de 1973 face aos preços bem superiores que aqueles vigentes em anos anteriores.

Quanto ao preço da cana-de-açúcar ao fornecedor, subsídio dado pelo IAA incentivou a produção. A partir de novembro, o IAA aumentou o preço vigente desde o início da safra, de Cr\$ 53,44/tonelada para Cr\$ 64,13/tonelada, com um subsídio adicional de 10% sobre o anterior.

Cebola

No cômputo global, em 1974 o Estado produziu 18% a mais que a média dos cinco anos anteriores, apesar de ter reduzido de 10% a área plantada.

Face ao preço recorde de 1973 para "Soqueiro do Estado" e "Claros" os plantadores de bulbinho promoveram uma grande produção no presente ano conseguindo preços satisfatórios.

Os tipos claros tiveram também boa produção, tendo o produto alcançado alta cotação nos dois primeiros meses em decorrência da drástica redução da oferta do produto do "Médio São Francisco". Nos últimos meses do ano, contudo, os preços caíram bastante. Entre os artigos desta classe, merece destaque a "híbrida", cujo volume ofertado foi ponderável. Tal produto, pelas suas qualidades, recebeu uma cotação muito superior aos demais.

A "Pera do Estado", produzida principalmente na DIRA de Sorocaba, teve a produção reduzida em relação ao ano anterior. Ocorreu a doença "Camisa d'água", principalmente no fim da safra, o que depreciou seu valor. Contudo, os preços estiveram em torno da média dos 5 anos anteriores.

Citricultura

Embora as aparências e características do comércio da laranja no ano de 1974 permitam configurar a temporada como uma das maiores crises do setor, a análise fria da sua evolução nos últimos anos permite algumas ilações importantes: a) preços altamente satisfatórios para os produtores, como vinham ocorrendo desde 1970, não poderiam perdurar por mais tempo, sob o risco de tornar o produto gravoso e estimular a concorrência no campo internacional (cotações de suco), a par de, interna

mentê, gerar uma corrida para plantios sem precedentes como se verificou nos dois últimos anos; b) os citricultores mais esclarecidos estavam cientes dos riscos de mercado e preparados para preços desfavoráveis como se observou em 1974; c) a crise na comercialização da safra foiem grande parte gerada pela indisciplina comercial das fãbricas, envolvendo uma disputa acirrada entre produtores e industriais. Muito contribuiu para tal desordem a crise de confiança do setor de crédito surpreendido pelo debacle financeiro de uma das emprêsas do ramo; d) era inevitável que também o suco de laranja sofresse as consequências de restrição de consumo, ou melhor, da mudança na política de importações que se seguiu à crise econômica mundial; e) a grande maioria de produtores não se mostrou suficientemente esclarecida para comportar-se dentro de um quadro de oferta abundante de matéria prima, enfraquecimento da demanda, necessidade de adequação de preços a novos níveis de mercado internacional, importadores temerosos e restrições de ordem creditícia no âmbito nacional; f) de notar-se que os citricultores estavam acostumados a um mercado vendedor e que, em condições normais, sempre mostra alterações para mais ou para menos dentro de uma mesma safra. A expectativa de altas era uma constante no citricultor, e tinha a seu favor o fato de que também na Flórida, ao início do ano, a expectativa era de mercado firme para o suco, a julgar-se pelo mercado futuro nas bolsas de Nova York e Chicago; g) a citricultura paulista caminhou na direção de um oligopsônio, onde apenas poucas fãbricas de suco representavam o grande canal de escoamento das safras; h) a própria indústria mostrou pontos de grande debilidade onde se destacaram a falta de capacidade física e financeira para a estocagem de suco em maior volume; i) os irrisórios índices de consumo no mercado interno, que mostra evidentes sinais de potencialidade mas que continua sem propaganda e sem uma política agressiva de vendas, podendo-se destacar neste âmbito a ampliação do consumo em hospitais, creches, parques infantis, fôrças armadas e merenda escolar; j) o fraco poder de barganha e de organização dos citricultores, que não tem tirado proveito do esforço associativista.

Pintado em largos traços o quadro da citricultura em 1974, pode-se tentar esboçar o panorama que deverá predominar nos anos vindouros: a) uma mudança na sistemática de compra da matéria prima que, em sendo abundante, poderã ser adquirida mais próxima da colheita ou mesmo durante a época de processamento; b) um deslocamento na época de vendas e de embarques mais volumosos de suco brasileiro; c) as firmas nacionais ficarão com os riscos de estocagem e incertezas do mercado, o que anteriormente corria por conta dos importadores estrangeiros; d) res-

trição no uso de promissórias rurais e, conseqüentemente, diminuição dos abusos a que dava origem.

As evoluções de produção e preços de laranja, e volume das exportações de suco, como mostrados no quadro 10, caracterizam a situação atípica do ano.

QUADRO 10. - Produção, Preços, Exportação, de Suco 1970-74

Ano	Produção (1.000 cxs)	Preço ao produtor		Exportação (t)
		Cr\$/cx	US\$/cx	
1970	44.350	4,00	0,88	31.290
1971	46.000	5,30	1,01	73.428
1972	60.700	6,50	1,10	91.121
1973	69.600	9,00	1,48	124.663
1974	75/77.000*	6,80	1,00	102.700*

* Provisório.

FONTE: Instituto de Economia Agrícola.

Feijão

A produção brasileira de feijão da temporada 1973/74 é estimada ao redor de 2,4 milhões de toneladas, sendo que os estados maiores produtores, Paraná e Minas Gerais, produziram 681 e 462 mil toneladas, respectivamente. Essa produção nacional, a se confirmar, é ainda inferior à de 7 anos atrás, quando se obteve a maior safra brasileira, com 2.547 mil toneladas de grãos.

No Estado de São Paulo, a área plantada, estimada em 270.000 hectares, superou em 7,3% a do ano anterior. Os bons preços recebidos pelos produtores em 1973 estimularam o aumento de área no plantio das águas (26,9%) com a produção superando (11,8%) a do ano passado. Contudo, a queda de preços por ocasião da colheita de estimulou o plantio da seca, cuja área contraiu-se em relação a 1972/73, em -9,7%. A produção obtida foi inferior (-11,5%) à da safra 1972/73.

Os produtores paulistas receberam preços inferiores aos de 1973, estimando-se uma queda de 20% a 25%. Acredita-se que a falta de liquidez do comércio e o tabelamento do produto empacotado para venda nos supermercados tenham afetado o preço recebido pelos produtores de feijão em meados do ano.

Em 1974 o afluxo do produto foi normal nos principais centros de consumo, não obstante a produção obtida ter sido suficiente apenas para o consumo interno, sem remanescentes apreciáveis. No mercado atacadista da cidade de São Paulo os preços de venda acompanharam, de certa forma, aqueles pagos aos produtores, situando-se os menores índices em fevereiro e os maiores em maio. Os tipos roxão, roxinho e preto, face ao afluxo relativamente uniforme, tiveram as menores oscilações de preços no período.

Milho

A produção brasileira de milho é estimada em 16 milhões de toneladas o que representaria uma diminuição de 3% em relação a produção recorde de 1972/73 quando atingiu 16,5 milhões de toneladas. Deve-se ressaltar que houve melhoria no rendimento, passando de 1.372 kg/ha em 1972/73 para 1.629 em 1973/74. Contudo esta produtividade é ainda bastante baixa se comparada com os níveis de outros países.

A região Centro-Sul vem respondendo desde há muito tempo por cerca de 85% da produção nacional, sendo os Estados de Minas Gerais e Paraná os principais produtores.

Em São Paulo (3º maior produtor) a produção de milho atingiu 2.628 mil toneladas, cifra esta levemente superior a do ano passado (2.598,0). A área cultivada, por sua vez, apresentou uma pequena redução (-0,8%) em relação a da safra anterior que foi de 1.300,0 mil hectares o que significa uma melhoria na produtividade, passando esta de 1.998 kg/ha em 1972/73 para 2.037 em 1973/74.

Os preços recebidos pelos produtores paulistas durante 1974, foram superiores aos obtidos em 1973 em moeda corrente, alcançando a média de Cr\$ 29,00 de janeiro a novembro o que corresponde a um acréscimo de 6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Até meados do ano chegou-se a estimar preços mais altos ao nível da propriedade.

Deve-se observar que a partir de novembro, com a divulgação da queda da produção de milho estadunidense (-21%) em relação a safra passada, houve uma reação nos preços internacionais refletindo-se sobremaneira no mercado interno. Assim, em

novembro de 1974 o preço médio pago ao produtor no Estado de São Paulo foi 20,2% superior ao recebido no mês anterior.

Em 1974 houve liberação da exportação de milho até um máximo de 1.300 mil toneladas. Até novembro já havia sido exportado montante superior a um milhão de toneladas pelos portos de Santos e Paranaguá.

Diversos fatores contribuíram para que o Brasil lograsse êxito em suas negociações externas de milho, entre os quais, a suspensão de embarques de cereais dos Estados Unidos que seriam enviadas a Rússia o que levou este País a diversificar as suas fontes de aquisição deslocando assim alguns compradores para o Brasil, e a efetiva queda na produção estadunidense.

Os preços internacionais apresentaram acentuada alta, (o milho americano nº 3 FOB Chicago, passou de US\$ 75,60/t em 1972/73 para US\$ 112,00 em 1973/74, o que corresponde a um aumento de 48,1%. Isto levou o governo brasileiro a rever sua política de exportações de milho a fim de carrear divisas para o País já que em 1973, com o contingenciamento das exportações, apenas 41 mil toneladas foram exportadas.

A exportação de milho vem ainda ressentindo-se de uma infra-estrutura adequada, o que geralmente provoca congestionamento no porto de Santos (atualmente maior porto exportador deste grão) devido ao grande número de caminhões que para lá se dirigem e que tem seu desembarque prejudicado, ora por falta de armazéns, ou de navios. O transporte ferroviário, o ideal por tratar-se de produto comercializado a granel, não tem sido suficiente para permitir um escoamento satisfatório.

Soja

A produção brasileira de soja atingiu novo recorde, situando-se ao redor de 7,1 milhões de toneladas, aproximadamente 40% maior que a de 1973 e 99% superior a média dos últimos três anos. Esta produção concentrou-se quase totalmente nos Estados do Rio Grande do Sul (53,1%), Paraná (30,3%), São Paulo (9,6%) e Santa Catarina (2,8%).

Do total, as exportações de grãos absorveram ao redor de 2,5 milhões de toneladas e aproximadamente 4 milhões foram industrializadas para a obtenção de óleo e farelo. Do total de farelo produzido, ao redor de 3 milhões de toneladas, 1,8 milhão, ou pouco mais, foi comercializado no mercado internacional. Todo o óleo produzido foi destinado ao abastecimento do mercado interno, o qual mostrava-se carente de outros óleos vegetais comestíveis.

A produção paulista de soja em 1974, quando comparada a de 1973, apresentou crescimento de 58%, e de 143% em relação a média dos últimos três anos. Para o ano de 1975, de acordo com o levantamento do IEA, a área dedicada a esta cultura deverá apresentar novo crescimento (16%), porém a produção não deverá crescer na mesma proporção, já que as condições climáticas foram desfavoráveis quando do plantio da safra em curso, como também devido aos altos custos de alguns insumos.

Quanto a produção brasileira, houve aumentos expressivos na área dedicada a esta cultura em todos os principais estados produtores estimando-se em 8,5 milhões de toneladas, a produção para 1975.

O comportamento dos preços de soja não foi das mais equilibradas pois no período de março a julho houve queda bem acentuada, quando coincidiu com a época de maior escoamento do produto. Assim grande parte da produção foi negociada a preço médio de Cr\$ 55,00 a Cr\$ 65,00 por saca de 60kg, enquanto que aquela parcela armazenada foi colocada a preços mais altos a partir de agosto, quando ocorreu uma rápida elevação nos preços externos e internos.

Esta variação na evolução dos preços foi consequência direta do comportamento do mercado internacional para este produto. Assim, as cotações internacionais de soja, no período de março a junho, apresentaram sucessivas baixas devido as previsões iniciais da nova safra americana, a ser colhida no último trimestre de 1974, indicando colheita quase igual a de 1973 e ao redor de 40,7 milhões de toneladas. Juntamente com estoques mundiais existentes, isto proporcionaria uma oferta bastante acima do consumo mundial. Porém, a partir de julho, quando se confirmou a queda da produção americana (33,5 milhões de toneladas) os preços no mercado internacional elevaram-se acima de US\$ 310 por tonelada, em média contra os US\$ 240 por tonelada no período de março a junho. Do mesmo modo comportou-se o mercado de farelo de soja com elevações nos preços a partir de agosto, o que veio permitir um crescimento acentuado das exportações deste produto pelo Brasil no segundo semestre. Outro fator, embora em menor proporção, foi a liberação do preço do óleo no mercado interno. O preço deste produto apresentou em novembro elevação de 119% em relação a janeiro,

Quanto ao preço do farelo de soja, a média de 1974 apresentou-se 11% superior à de 1973.

As exportações pelo porto de Santos, tanto de soja em grãos (-66%) como de farelo (-8%) foram menores que no ano anterior.

Trigo

Preocupado em reduzir as importações de trigo, o Governo Federal vem estimulando aumentos de área e produção visando diminuir nossa dependência do mercado externo.

Neste ano, tais estímulos começaram nos preços básicos com um aumento percentual de 86,7% em relação à safra passada (\$45,00 para 84,00/sc 60kg) e a aplicação de recursos adicionais para desenvolver as pesquisas básicas de produtividade.

Em São Paulo esses estímulos se fizeram sentir na elevação da área plantada que foi de 268% em relação ao ano passado (de 28,7 mil hectares em 1973 para 105,6 mil em 1974). A sub-região de Assis foi a que melhor respondeu a esses incentivos, havendo até uma certa euforia para com o trigo. O CTRIN (Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional), órgão governamental encarregado da comercialização do trigo nacional, comprou até dezembro 111 mil toneladas de trigo produzido na região.

O principal problema da região de Assis tem sido a comercialização do produto pois a atual capacidade instalada dos armazéns é pequena e a disponibilidade de vagões tem sido insuficiente para dar vazão à crescente produção do cereal.

No Estado, o trigo é ainda uma cultura localizada no Vale do Paranapanema, onde o cereal tem encontrado situações favoráveis para se desenvolver (solos de boa fertilidade e clima adequado). Enquanto a pesquisa e experimentação realizam ensaios de novas variedades adaptáveis a outras regiões paulistas, novas áreas daquela região serão incorporadas à produção de trigo em 1975. Uma vez mais, são esperadas boas condições de financiamento preço elevado ao produtor.

Aves e Ovos

O ano de 1974 não apresentou o mesmo clima de tranquilidade verificado no ano anterior.

A produção paulista de carne de aves apresentou elevação de 27% em relação a 1973, atingindo, segundo o levantamento de junho realizado pelo IEA, aproximadamente 262 mil toneladas.

Por outro lado, o consumo apresentou-se de certa forma estável, causando a saturação do mercado, ainda que se tenha intensificado a frigorificação.

Assim, o preço médio recebido pelos produtores de carne de aves é estimado em Cr\$ 4,00/kg, cerca de 14% superior ao corrente em 1973. Em valores reais, portanto, ficando aquém do recebido no ano anterior.

A produção de matrizes para corte também se expandiu, sendo levantadas de janeiro a agosto de 1974, cerca de 3,4 milhões de matrizes, apresentando incremento de 39% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Esse aumento ocasionou preocupações no setor, já que um acréscimo proporcional na demanda estaria na dependência da expansão do consumidor em potencial.

No setor da avicultura de postura a situação não foi mais favorável. Em 1974, a produção paulista, segundo os últimos dados do IEA, foi de 381 milhões de dúzias de ovos havendo, portanto, uma queda de 10% em relação à de 1973.

Nos primeiros meses do ano, o mercado de ovos caracterizou-se pelo equilíbrio entre produção e consumo, possibilitando renda razoável aos produtores. Como sõe ocorrer, de julho a setembro os preços recebidos principiaram a declinar não se verificando, entretanto, a costumeira recuperação nos meses seguintes. Em vez disso, baixas contínuas foram se sucedendo e contrariaram as estimativas anteriores do IEA.

Por outro lado, verificou-se elevação no custo de alimentação, com quedas na relação ovo/ração, e ainda, aumentos significativos nos medicamentos, embalagens e transportes.

Estima-se que o preço médio recebido durante o ano se situou em torno de Cr\$ 2,70/dz, cerca de 12% superior ao obtido em 1973. Tal incremento, no entanto, deve ser encarado com restrição já que foi inferior à elevação observada para os preços de rações e possivelmente aos outros fatores de produção.

Como indicadores da atual situação verificam-se maior descarte de galinha e menor procura por pintos de um dia, com redução no rebanho de aves de postura, ajustando-se às novas condições de mercado.

Leite

Embora se esperasse para 1974 um ano melhor para a pecuária leiteira paulista em função da implantação do Programa Especial de Estímulo à Pecuária Leiteira e da fixação antecipada de reajustes dos preços para os meses de janeiro e maio aos níveis de Cr\$ 0,85 e \$ 1,00/l, respectivamente, o que ocorreu até outubro foi uma repetição de 1973 com frequentes crises no abastecimento.

Verificaram-se, nos primeiros meses do ano, quedas cada vez mais acentuadas no volume total de distribuição do leite na Grande São Paulo. Agravou-se, por sua vez, a falta de embalagens plásticas para o empacotamento do produto.

Na área da produção intensificaram-se as reivindicações, objetivando a antecipação do reajuste do preço estabelecido para maio como justificativa de elevação dos preços dos insumos e auxílio no suprimento de alimentos na entre-safra.

Essa solicitação não foi atendida e os reflexos do desestímulo na produção se fizeram sentir no abastecimento dos grandes centros. A pior crise dos últimos anos no abastecimento do leite "in natura" da Grande São Paulo verificou-se nos meses de maio e junho de 1974; o déficit variando de 500 a 550 mil litros diários.

Nessa fase do ano a única solução encontrada foi a importação e reidratação do leite em pó. Foram importadas pelo governo, ainda em junho, 16.000 toneladas de leite em pó e 4.950 toneladas de óleo de manteiga, distribuídas posteriormente às cooperativas.

Se por um lado, o produto importado atenuava os problemas no abastecimento, na área de produção a situação dos produtores de leite tipo C era cada vez mais crítica na entre-safra. A produção estimada para 1974 (1.515 milhões de litros) seria inferior a produção de 1970 (1.639 milhões de litros).

O ponto culminante do desestímulo à produção ocorreu em setembro. A baixa capacidade de suporte dos pastos, que atingiram índices críticos pela longa estiagem e rápida ascensão dos custos de produção, se refletia na coleta do leite "in natura" pelas cooperativas, com retrações constantes.

O Governo Federal decidiu então anunciar novos reajustes do preço em duas etapas: a primeira que vigorou a partir de 15/10/74, dando Cr\$ 1,25/l e a segunda, a partir de 15/01/75, aumentando o preço para Cr\$ 1,35/l. Esses aumentos, o subsídio de 10 centavos por litro para cobrir os custos do segundo percurso e as chuvas que começaram a cair em outubro nas principais regiões produtoras mudaram o quadro geral da pecuária leiteira no Estado. Havendo, a curto prazo, perspectivas de maior produção e produtividade, deslocando para cima a oferta de leite.